



## ANTÔNIO CARLOS JOBIM

FLÁVIO RANGEL

Na biblioteca os livros vão desde "Traité de Orchestration" até "History of Western Philosophy"; pelo chão, revistas e discos espalhados; a fotografia de um casal de crianças; os cinzeiros repletos de cigarros; os mais variados tipos em redor do piano; no teclado, um rapaz magro, despenteado, cantando baixo e entremeando nas notas comentários como "Teresa!" ou versos de Drummond; copo de uísque à mão; — Antônio Carlos Jobim está compondo.

Pode-se dizer que Tom vive música vinte e quatro horas por dia. Quando não está sôzinho em casa estudando as próximas composições, tem amigos à volta do violão ou da vitrola. Na produção de discos, julga orquestrações, faz a direção musical de um novo LP ou testa uma cantora. Atualmente está no auge do sucesso: é o compositor nacional mais gravado e tocado, aqui e lá fora.

É filho de um poeta-diplomata e de uma educadora. Nasceu no Rio de Janeiro há trinta e três anos e tem uma árvore genealógica altamente complexa, que prefere não relatar ("Até hoje não ouvi uma descrição de família que não desse briga no fim"), mas na qual existe, pelo lado da mãe, o bandeirante Fernão Dias Pais Leme, e pelo lado do pai, vejam só, o cardeal Richelieu. Na família todo mundo tocava ou cantava e dois tios eram ases do violão: enquanto um tirava Bach e os espanhóis, o outro ninava



o menino com serenatas e moonhas. Isso deve ter ficado até hoje como influência no seu trabalho, que é o melhor exemplo de equilíbrio entre intuição popular e conhecimento erudito.

Com oito anos de idade, morre-lhe o pai, a mãe funda e dirige um colégio carioca, onde trava contato com o professor Koellreuter. Este insiste que o menino estude para tornar-se um concertista, mas ele prefere batucar no piano uns teminhas próprios, que na verdade não levava muito a sério. Música vinha depois da praia e do futebol; mas assim mesmo demorava um pouco em Chopin.

Aos dezesseis anos conheceu Teresa, que viria a ser sua esposa e que há dezessete é seu tema mais fiel. Mas pouco depois briga com a mãe e resolve ser doutor para casar "como um rapaz direito e deixando essa vida louca de artista", como sempre se queixava uma tia. Afunda-se no estudo dos cálculos integrais e faz um brilhante vestibular para a Faculdade Nacional de Arquitetura, com nota máxima em desenho e matemática. Porém seis meses depois larga o curso, trocando os vetores e a geometria descritiva pela harmonia, composição, estrutura e formalismo. Muda com frequência de professores e irrita-se com o caráter quase sempre subjetivo e biográfico das obras que lê ("Todo mundo falava da elegância de Chopin, dos chinelos de Wagner, e mais da Clara Schumann do que do próprio"), e enquanto passa os dias martelando o piano e afundando em teoria musical, vai também compondo.

Não é doutor, mas resolve casar: e aí começa a fase dura. Como pianista de *night-clubs*, percorre toda a Zona Sul, trabalhando muito e ganhando pouco ("Todo músico no Brasil está perfeitamente apto para a profissão de faquir"). Mas vai fazendo um certo nome, pelo menos junto ao "público alcoólico". A estranha fauna que frequenta buate não cria exatamente um ambiente propício para a composição, mas ele desconta em casa, num piano que consegue adquirir ("Quando as cordas desafinavam antes do fim do mês, eu passava ao violão").

Entre duas buates há um intervalo onde trabalha na antiga Rádio Clube, sob a direção de Cláudio Santoro. Passa depois para uma fábrica de discos, onde consegue gravar seu primeiro arranjo orquestral. A profissão de arranjador é nova no Brasil, e uma madrugada, quando voltava para casa sem documentos, o côsmo-damião não vacilou e Tom terminou indo explicar ao delegado que espécie de "arranjos" andava fazendo. Mas continuou orquestrando, sempre sob as vistas carinhosas de Radamés Gnattali, por quem Jobim tem a maior gratidão. Ainda trabalha muito e o salário não é lá essas coisas, mas progride: chega a dirigir orquestra.

Nessa altura o poeta Vinícius de Moraes tem pronta a sua peça "Orfeu da Conceição". A transplantação do mito grego para o morro carioca exige uma conseqüente transposição musical. Antônio Carlos Jobim é o nome que Vinícius escolhe: maestro, arranjador, compositor, culto, comunga também com o tamborim do morro, do qual era freqüentador de várias subidas. Atira-se ao trabalho, aproveitando determinadas similitudes entre o "modos" grego e a melodia negra. Além de compor, deve também reger a orquestra. E após tê-la ensaiado exaustivamente, com a partitura de cor e a casaca comprada, sucede-lhe a crise do imponderável e desiste da regência, chamando Leo Peracchi: enquanto este assume a batuta, Tom recolhe-se humildemente ao piano. "Orfeu" coloca nacionalmente o seu nome e o liga à amizade de Vinícius. Fase profícua, com várias composições de êxito se sucedendo. Fato inédito no Brasil: vinte cantores gravam "Se Todos Fossem Iguais a Você".

Hoje Antônio Carlos Jobim é porventura o nome mais famoso da música popular brasileira. Cento e vinte

gravações de "Felicidade" na Europa projetaram-no internacionalmente. Mas os seus direitos autorais não chegam nunca. A história dos direitos autorais ainda é um caso de polícia. Se os compositores nacionais de sucesso recebessem tudo a que têm direito, estariam milionários: "A ausência de fiscalização nos direitos obriga grandes compositores a recorrer a outras atividades: Ary Barroso já foi até vereador, é *show-man*, homem de rádio e televisão, locutor esportivo. Caymmi é obrigado a tudo isso e ainda concede exclusividade ao cantor Dorival das suas próprias músicas. Se esse dois são obrigados a fazer isso, que dizer dos outros." À vista disso, ele foi obrigado a voltar à noite. Fêz uma temporada de enorme sucesso numa buate paulista, cantando as próprias músicas, e conduziu um programa de televisão entre os primeiros na audiência. Ainda trabalha como louco, mas já agora para perfazer "a nota do apartamento: as crianças estão crescendo". Tem um casal de filhos, de dez e três anos de idade. Acha que se continuar assim, faturando um pouco mais alto, vai acabar "enganando o Marx".

Sobre a "bossa nova", termo que se utilizou para definir uma certa tendência musical e terminou se transformando na expressão de maior uso comercial e publicitário do ano: "Dar nome às coisas prejudica a compreensão. Na verdade eu não sei definir o que seja a bossa nova. Há um grupo que procura a eliminação dos elementos supérfluos na harmonia, na melodia e no ritmo, buscando a concisão e a síntese, pois nossa música sempre sofreu de excesso de acompanhamento. Isso é o que há de sério. Mas há também um grupo de satélites indesejáveis que se aproveitam de qualquer movimento para comercializar tudo."

Na gaveta, tem várias peças para orquestra, quartetos e música de câmara, que prefere não chamar de obra séria, pois julga a música popular coisa muito séria. Não a nomeia de sinfonias ou prelúdios ("Debussy e Ravel já tinham problemas por causa de nomes"). De cinco em cinco minutos fala em Villa Lóbos, cuja obra conhece à perfeição e com quem teve dois rápidos encontros que nunca lhe saíram da memória. É uma pessoa gentil, incapaz de brigar com quem quer que seja e atencioso tanto com um chofer de praça como com o Presidente da República, para quem preferiu não completar um poema sinfônico sobre Brasília, que já tinha em esquema: não queria ver a obra julgada sob um prisma político. Na recente conferência de cúpula ficava pregado ao rádio ouvindo os telegramas e comentava com a esposa: "Eles não deviam fazer isso." Seus amigos acham que pretende harmonizar o mundo. Tom vai da extrema sociabilidade à mais profunda solidão em poucos minutos. E quando o trânsito, o barulho, a confusão, o telefone e todos os problemas da cidade o afligem, ele foge para uma fazenda da família em Petrópolis, composta de pedras, riachos e galinhas: e na companhia de mulher e filhos, trabalha num ambiente "de paz e passarinhos".

Ele, que namorou ao som de Glenn Miller, como toda a sua geração, fica contente ao perceber que já se pode namorar ao som de João Gilberto: "Tudo que se escreveu sobre a eterna dependência cultural na arte brasileira vale também para a música. Aqui se fizeram muitas *elegies* e *vales*, e como chegou depois a vez dos Estados Unidos, não se pode negar a influência do jazz — particularmente o *cool* — na atual pesquisa da expressão musical brasileira. É verdade que os novos de hoje estão cada vez mais preocupados com um apuro formal, mas tenho certeza que o resultado será uma expressão indiscutivelmente nossa. Depois, o nosso país é uma beleza que abraçaria tudo. Como já foi dito, se o Papa viesse ao Rio seria convidado para dar o pontapé inicial no Fla x Flu." Δ